

como se processa e quais os seus veros indicadores clínicos. É, sem dúvida, uma área sensível do trabalho analítico, dado o franco reconhecimento de que a mudança é susceptível de fazer emergir diferentes graus de dificuldades técnicas, estreitamente relacionáveis com as distintas patologias do paciente. Nesta sequência, são evocadas as patologias narcísicas ou as organizações limite, cujos sérios distúrbios, ao nível das introjecções, do insight e da perlaboração, representam dificuldades técnicas importantes. Ilustrações clínicas complementam estas leituras, oferecendo-nos ferramentas de reflexão indiscutíveis.

Seguidamente, e desta feita com atenção particular, a autora debruça-se sobre a reacção terapêutica negativa, enquanto obstáculo sério ao crescimento e mudança psíquicas, obstáculo esse que, como sabemos, já havia sido assinalado por Freud como algo de complexa superação. Fenómeno clínico marcado pela negatividade, que, nas palavras de Fernanda Alexandre, não deixa de se expressar sob a forma de uma área paradoxal e que, ora pode desembocar num impasse ou rupturas terapêuticas, ora numa análise interminável. No entanto, na mesma medida, poderá inscrever-se antes como um espaço gerador de vida, a partir do qual o crescimento e a mudança psíquica se podem tornar numa realidade concretizável.

Não se alheando da sua linha organizadora, a autora apresenta o enigma do masoquismo em estreita articulação com o narcisismo (seja este na sua expressão positiva, como negativa) e face aos quais o analista deve esperar uma longa e dura tarefa de integração entre, por um lado, os aspectos dolorosos da mente, mas que ainda assim estão ao serviço do crescimento psíquico, e os outros elementos que, por se revelarem intensamente destrutivos e mortíferos, tendem a não facilitar a tão ambicionada transformação psíquica. Deste modo, entendemos como os movimentos significativos da mudança psíquica colocam ao analista uma incontornável prova à sua sensibilidade e, também, uma atenção cuidada aos problemas técnicos, com particular ênfase no campo transferencial e contra-transferencial.

Assim, são estes momentos delicados que, precisamente, se poderão ver invadidos por importantes defesas narcísicas, qual alarme acionado no interior do paciente, em virtude das suas dificuldades no confronto e elaboração das suas angústias de separação e de perda. Desta forma, nos remete Fernanda Alexandre para mais um capítulo, alertando, com mestria,

para as variadas expressões decorrentes das manifestações de perda ou receio pela mudança. Uma vez mais, são evocados diversos exemplos clínicos de crianças e adolescentes, fundamentados que estão na sua vasta experiência profissional enquanto psicanalista didacta da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

Num capítulo especialmente dedicado à adolescência, é explorada a componente narcísica da personalidade, inevitavelmente presente num processo de mudança do psiquismo. A obra não termina, sem antes a autora se debruçar com rigor acerca da importância da qualidade do campo emocional criado entre paciente e terapeuta, que, tal como um elemento terceiro, é, sem dúvida, gerador de significados vários e infinitos e, por isso mesmo, passível de assumir novas formas e condições.

O leitor que se dedique à leitura deste livro certamente encontrar-se-á agradavelmente suportado e/ou contido por reflexões que apaziguam os tão intensos e frequentes questionamentos, com os quais nos defrontamos neste processo contínuo que é o da nossa construção pessoal e profissional. Sem dúvida, uma obra por mim vivamente recomendada, pelo seu refinamento e primor teórico-clínico, e que sedutoramente nos instiga, mais e mais, na direcção do conhecimento e compreensão da mente humana.

**Sandra Oliveira**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Marcelo Firpo de Souza Porto. 2007. *Uma Ecologia Política dos Riscos: Princípios para Integrarmos o Local e o Global na Promoção da Saúde e da Justiça Ambiental*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 244 pp. ISBN: 978-85-7541-130-8.**

O engenheiro e psicólogo Marcelo Firpo de Souza Porto, pesquisador titular do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, desenvolve discussões que deixam clara a indissociabilidade das diversas formas de conhecimento e as práticas. O livro *Uma Ecologia Política dos Riscos: Princípios para Integrarmos o Local e o Global na Promoção da Saúde*

*e da Justiça Ambiental* retrata conteúdos sobre sustentabilidade, promoção da saúde e justiça ambiental, apontando uma proposta de análise integrada e contextualizada acerca dos riscos ambientais, no contexto do desenvolvimento econômico e tecnológico, particularmente em países e territórios com desigualdades e vulnerabilidades sociais.

O autor, considerando sua experiência nos campos da saúde coletiva, ecologia política, economia ecológica e análise de riscos e desastres, explora conceitualmente as interfaces entre limites e possibilidades de conceitos como saúde, riscos, complexidade, incertezas e vulnerabilidade. Procura articular ecologia, saúde e política, apontando caminhos para profissionais e não profissionais compreenderem a complexidade e abrangência, de modo singular e global, para possíveis mudanças nos modelos de desenvolvimento que interferem negativamente na saúde das comunidades.

O livro está dividido em cinco grandes blocos. O primeiro aborda riscos, saúde e vulnerabilidade, contextualizando os riscos e apreendendo sua complexidade. O segundo centra-se numa visão ecossocial e abrangente dos conceitos de riscos e saúde. Por sua vez, o terceiro bloco apresenta os riscos, níveis de complexidade e incertezas de acordo com a ciência pós-normal em que pontua aspectos relacionados aos três tipos de sistemas ou ordens de complexidade. No quarto bloco, é explorado o conceito transdisciplinar de vulnerabilidade. Por último, o quinto bloco pontua os princípios para uma compreensão integrada e contextualizada dos riscos.

Esta obra é dirigida para o trabalho e o diálogo de diferentes pessoas, organizações e instituições que atuam na investigação e enfrentamento de problemas de saúde, trabalho e ambiente, em realidades ou contextos considerados vulneráveis e que marcam a realidade não somente brasileira, como também de diferentes países latino-americanos, africanos e asiáticos. Desnecessário ressaltar a importância desta obra ao levantar questões e apontar princípios que contribuem para a compreensão dos riscos em sua complexidade e abrangência, entendendo-os num contexto maior que facilite a mudança dos modelos de desenvolvimento prejudiciais à saúde das comunidades, de trabalhadores, dos ecossistemas e o exercício dos direitos humanos fundamentais.

O livro possui tanto um caráter didático, voltado à orientação na formação dos interessados em entender e enfrentar os riscos ocu-

pacionais e ambientais em uma nova vertente, quanto teórico, uma vez que apresenta um sistema de compreensão resultante de uma longa trajetória coletiva e pessoal de reflexão e prática sobre este tema. Trata-se de uma reflexão centrada em um enfoque interdisciplinar, apresentando a noção de risco de forma mais holística e contextualizada em que o autor equilibra dois tipos de discursos: um de caráter acadêmico, voltado para a natureza do conhecimento científico, com os seus aspectos conceituais e metodológicos; o outro tipo de discurso possui uma natureza mais pragmática e, ao mesmo tempo, ética e política.

**Antonia Oliveira Silva**

*Programa de Pós-Graduação  
em Enfermagem, Universidade Federal da  
Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil*

**Clara Pracana. 2008. *Felix Culpa*. 328 pp. Lisboa: Edições OVNI. ISBN: 9789898026064.**

Os ensaios em psicanálise são, hoje em dia, relativamente raros. A maioria dos escritos psicanalíticos é fruto da prática clínica e visam precisamente essa mesma prática clínica. Clara Pracana com este seu ensaio - *Felix Culpa* - reafirma a importância da reflexão teórica numa disciplina predominantemente clínica, mas que não se esgota no caso individual nem no divã onde se organiza, sessão após sessão, um discurso singular.

A autora foca o olhar sobre um dos fenômenos psíquicos omnipresentes na clínica e na cultura: a culpa. Contrariamente ao que é quase provocatoriamente sugerido pela imagem da capa do livro, o ensaio tem de ser lido de olhos bem abertos e pensamento lúcido, e não será, com certeza, um sorriso aberto que iremos ter no final da sua leitura. É um livro exigente, que requer do leitor atenção e disponibilidade interna para absorver todas as implicações da presença e da ausência da culpa. A capa sugere a culpa feliz, que dá título ao livro, a culpa vivida no registo narcísico e borderline onde o pensamento, no sentido bioniano é falho ou não tem lugar. É também, num outro sentido, culpa feliz, porque organizadora da cultura e responsável por o homem se superar a si próprio, num percurso que se organiza da vergonha à